

Novos rumos para a Educação

JORNAL DO BRASIL

GILBERTO MITCHELL *

O consenso sobre a importância da educação como fator essencial ao desenvolvimento parece pouco ajudá-la a receber mais verbas. Ao contrário, sempre que a saúde dos cofres públicos vai mal, a educação é a primeira a entrar em coma econômico. Embora ninguém morra por sofrer de deficiência educacional crônica, duvida-se que alguém, nestas condições, possa viver plenamente em meio ao mundo tecnológico atual. O mais provável é que apenas vegete, perambulando à margem dos acontecimentos e oportunidades que a vida oferece. Mas o que existe de ainda mais trágico nessa história é que o país paga um preço absurdamente alto pelo desperdício de massa cinzenta, a mais valiosa riqueza da civilização. Resumindo ao essencial, na ponta do lápis, sai mais barato investir em educação.

A formação educacional de boa qualidade é um bem caro, complexo e, portanto, muito valioso. Não é por outro motivo que nos países ricos todos os segmentos da sociedade participam e avocam a si a co-responsabilidade para que o sistema educacional dê certo. No Brasil, ao contrário, tende-se a adotar uma postura expectante, aguardando placidamente até que algum político populista envie a solução de cima para baixo. Isto talvez contribua para explicar por que alguns países são tão pobres e miseráveis e outros tão ricos e poderosos.

É bastante oportuno vir à público o trabalho integrado que ONGs, universidades e empresas vêm desenvolvendo neste país. De fato, estas ações indicam significativa mudança de postura em busca de soluções criativas e independentes, tudo convergindo para uma educação de alta qualidade. Embora o fenômeno seja mais intenso no Sul e Sudeste, os exemplos ocorrem por todo o país. Mas vale a pena destacar o trabalho desenvolvido pela UFRJ e Fundação Bio-Rio, principalmente por estenderem seus benefícios a dez outras universidades públicas e privadas do Estado e abrangerem diferentes cursos de graduação.

Trata-se do Programa Integrado de Treinamento de Alunos — Pita —, que, em uma primeira etapa, se desenvolve na Baía de Campos, no norte fluminense, sob a chancela da Petrobrás. O objetivo é oferecer um programa de estudos ambientais com forte base prática e experimental, em contato direto com a natureza. O programa se destaca por algumas características inovadoras, como é o caso da integração com várias universidades deste estado. Além disso, o Pita procura estender seus benefícios para a rede pública de 1º e 2º graus, através de cursos de formação continuada de professores e apoio direto às escolas. Firma-se a convicção de que o 1º, 2º e 3º graus não são estanques e isolados. Ao contrário, possuem interdependência bem maior do que se imagina.

A integração ONGs — Universidade — empresa constitui uma das soluções para essa crise educacional aguda, onde todos são igualmente incomodados, mas poucos conseguem ir além da crítica. De fato, a falência do sistema educacional, sob a ótica das empresas, significa na prática um repasse de funções para a própria iniciativa privada, pois caberá a esta, no futuro, assumir gastos crescentes com treinamento e qualificação de sua própria mão-de-obra. É hora de deixarmos de encarar o investimento em educação como contribuição benéfica e sim como uma aplicação com várias formas de retorno.

Graças ao sucesso que obteve em sua primeira fase, o Pita agora vai se estender aos Parques Nacionais, envolvendo novas empresas que resolveram seguir os caminhos abertos pela Petrobrás, de longe a empresa que mais investe no sistema educacional e no desenvolvimento de tecnologias nacionais.

No momento em que se discute miséria no país, torna-se relevante a contribuição da UFRJ. Na verdade, pobreza pode ser vista como desperdício de talentos e falta de oportunidades para que as vocações se manifestem. Riqueza é, ao contrário, o pleno aproveitamento dos talentos e criatividade de um povo. Isto é particularmente importante num país que pode, sem saber, ter deixado seu Leonardo da Vinci morrer como menino de rua, antes de ser descoberto.